

## O QUE PODEM AS CULTURAS INFANTIS DE TERREIRO: CRIANÇAS EM VENTANIAS E ANDANÇAS NO ILÊ ASÉ ALOYÁ

GABRIEL BETTIOL GODINHO<sup>1</sup>; RITA DE CASSIA TAVARES MEDEIROS<sup>2</sup>;  
MÍRIAM CRISTIANE ALVES<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas— gbettiolg@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – redefreinet@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – oba.olorioba@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO: das crianças de terreiro para as culturas infantis

Este trabalho é fruto das interações e cosmopercepções no grupo de pesquisa Omo Kekere - Infâncias de Terreiro, desenvolvido desde maio de 2022, junto a sete terreiros de tradições de matriz africana, em três cidades do Brasil, vinculado às atividades do “Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LÉÉKÒ: Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais”.

Na primeira encruzilhada epistemológica nos deparamos com as ideias de cosmopercepções advindas de OYEWÙMÍ (2002), aquela que nos avisa que a cosmovisão não é suficiente para conhecer, é preciso que os demais sentidos, além da visão, estejam ativados para compreender o mundo, e, no caso das crianças de terreiro: o que dizem seus corpos, seus balanceios, seus paladares, seus toques, seus cheiros? Embora a autora não esteja voltada aos estudos das infâncias, sua discussão teórica nos ajuda a produzir modos contra hegemônicos de fazer pesquisa.

FERREIRA (2002) nos explica que há necessidade de conceber uma condição de criança socialmente construída no dia a dia, na experiência, na relação direta e implicada com o outro – adultos e crianças, em contextos sociais específicos e diversos. Deste modo, a reconfiguração dessa experiência relacional em eventos estáveis e duradouros torna-os patrimônio cultural inerente ao grupo de crianças.

A segunda encruzilhada nos coloca no caminho das interações para a produção de culturas infantis de terreiro. A ideia inicial de interações brota dos questionamentos que fazemos a CORSARO (2009), quando apresenta os conceitos de adulto atípico e de cultura de pares.

Deste modo, de encruzilhada em encruzilhada, vamos aprendendo com as crianças. As perguntas suleadoras de nossa pesquisa podem ser compreendidas como “que culturas infantis são produzidas nos terreiros? Que infâncias circulam? Como as crianças produzem essas infâncias. Neste texto temos como objetivo narrar e refletir sobre a experiência de aplicação do artefato metodológico “saco da existência”, junto a crianças de uma comunidade de terreiro, Ilê Asé Aloyá Ifonkaran, localizado na cidade Rio Grande, Rio Grande do Sul.

### 2. METODOLOGIA: De Gira em Gira

A gira-mapa é a nossa espiral de renascimento metodológico na pesquisa, permeada pela compreensão afrodiáspórica de crianças e infâncias (ALVES et. al., 2022). A nossa compreensão se liga aos conceitos afrografia e oralitura de MARTINS (2003). Para essa autora o tempo ocidental é colonial, hierárquico e

pressupõe que fora da escrita não há conhecimento, o que provoca um desprezo pela oralidade e por toda a afrografia, que corpos diaspóricos podem carregar. Na pesquisa com crianças pequenas, a gira-mapa acompanha o pensamento de MARTINS (2003), porque nos terreiros, as cores, os gestos, os cheiros, os sabores, os sons e os olhares são afroescritas infantis.

Assim definimos os caminhos da pesquisa nos cruzamentos entre crianças, infâncias e espaços-tempos nos terreiros. Para confluir com as crianças pequenas criamos um artefato metodológico: o saco da existência. Mas o que é o saco da existência? O que ele pode nos enunciar?

É um brinquedo estratégico, que serve como disparador de modos de ser, estar e compreender o mundo, a partir das comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana. Cada saco da existência contém elementos pensados pelas pesquisadoras e pelas lideranças dos terreiros, tomados como elementos lúdicos e, ao mesmo tempo, sintetizadores da tradição naquele espaço-tempo. Por exemplo, no terreiro em análise, o saco continha folhas comuns na tradição, pequenas gamelas, colares de sementes, pedras, sinetas, bonecas, panos coloridos, agês pequenininhos, conchas, peneiras e colheres. Para registrar a experiência, utilizamos da descrição intensa dos cenários construídos pelas crianças nos diários de campo, juntamente com fotografias e vídeos.

Numa metodologia que se quer denominada “com crianças” (CORSARO, 2009) é preciso estar numa conexão que imprima confiança e laços de familiaridade, no entanto, nós pesquisadoras “desde dentro” (ALVES, 2012), estamos nestes entrelaços, abocanhados pela voracidade de Exu, que nos atribui desejos e vontades de saber e conhecer. Fazemos parte da mesma tradição, mas estamos ávidas a compreender como as crianças interagem e percebem estes territórios e suas intersecções com as infâncias de terreiro.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos aqui duas cenas para serem pensadas e discutidas, tendo como horizonte nossas proposições de pesquisa e nosso caminho metodológico traçado na gira-mapa. Escolhemos duas categorias advindas de nossas entradas neste terreiro: as andanças e as ventanias. Podemos conceituar **andanças** como as participações das crianças no território do terreiro, em diferentes lugares, em diversos momentos, em atividades grupais encenadas e propositivas. Como **ventanias**, os momentos em que irrompem o adultocentrismo próprio de nossas certeza: quando o grupo de crianças ou uma delas traz uma reinvenção ou uma recomposição do já estabelecido. A seguir descrevemos e apresentamos duas imagens em cena, para entrecruzar primeiras asserções sobre o tema da pesquisa e nos perguntamos: como e quais culturas infantis de terreiro se avizinham neste território, em meio às cenas 1 e 2?

#### *Cena 1 : O saco da existência e as crianças*

*Com olhos saltitantes e um sorriso, a menina de quatro anos se identifica com alguns elementos pertencentes aos ritos do batuque: com as duas mãos pega uma gamela, pega uma pedra redonda e uma guia e, calmamente, contorna. Isso faz lembrar um assentamento. Coloca três guias no pescoço e mostra orgulhosa pra irmã, comentando: “Olha, são de pedra”. Vai pegando as bonecas e colocando lado a lado no sofá, pega espadas e lanças de Ogum e lansã (plantas que estavam no saco, num baldinho) e coloca na frente de cada boneca, cada uma com a sua erva. A menina brinca com as coisas e vai procurando, dentro do*

*saco, mais elementos. Ela brinca com a sineta e começa a tocar sobre a gamela. A irmã de seis anos, mais contida, brinca, mas observa a irmã. Envolvidas na brincadeira resolvem buscar pinhas e passar por baixo da pitangueira e catar pitangas para comê-las. Cachorros, crianças, pitangas e pinhas tomam o lugar do saco da existência, ou melhor, o saco ganha existência e se expande nas aventuras brincantes. Os sacos, três, estão lá, murchos, vazios, tomados pela vida de duas crianças, irmãs, signatárias da continuidade de Mãe Donga de Oyá (Diário de Campo, 01 de abril de 2023).*

#### *Cena 2: Comidas e Afetos: as prerrogativas do sensível*

*A Iyá do terreiro organizou uma mesa redonda com um enorme bolo de laranja e balas coloridas, conclamando as crianças a cantarem parabéns para a fotógrafa que estava de aniversário, disse fazer tentativas para agregar as pessoas no terreiro, fora dos rituais. As crianças correram e deixaram, parcialmente, as brincadeiras de lado e passaram a brincar com os sabores e cheiros que estavam à disposição. As crianças voltaram a correr pelo pátio e também começaram a brincar com alguns objetos que enfeitavam a cozinha. Brincavam de servir cafezinho, utilizando as pequenas xícaras que enfeitavam a cozinha, passavam por nós, como se fôssemos transparentes e voltavam ao reduto organizado por elas com os artefatos do saco da existência, mexiam na terra, encontravam novas relíquias e cozinhavam com terra, pinhas e folhas numa lata colorida. Uma menina de quatro anos tomava conta do espaço e organizava a comilança (Diário de Campo, 01 de abril de 2023).*

Na cena 1, podemos observar a andança das meninas, confrontadas com o saco da existência construindo cenários que emergem de territórios africanizados. Embora elas sejam crianças não iniciadas na tradição, são herdeiras de sua tataravó naquilo que denominamos ancestralidade. Considerando que os traumas do racismo se mantêm e são transmitidos, como afirma PORTILHO (2022), nos questionamos: É possível pensar que a ancestralidade e a orixalidade constroem memórias infantis desde a epigenética?

Outra questão importante é a ampliação dos tempo-espacos das brincadeiras, para além do que levamos para elas; a ampliação dos sentidos do saco da existência. As crianças se espalham e espalham as suas vivências, entrelaçadas entre si, entre brinquedos, com a natureza e com pessoas adultas. A árvore, o cachorro, o pátio, a cozinha são brinquedos tomados pelas crianças, compondo brincadeiras, antes não pensadas previamente por nós. Neste sentido o saco da existência é um disparador de reinvenções e um articulador de fazeres e em nenhum momento se apresenta como limitador das coisas feitas pelas crianças. As dinâmicas reinventadas pelas crianças apresentam o multiverso do cotidiano das brincadeiras das crianças, ora pertencentes ao ritmo do território africanizado, ora pertencentes às suas coisas infantis vividas em outros lugares.

## **4. CONCLUSÕES**

Algumas reflexões, oriundas deste recorte da pesquisa, nos enlaçam em três compreensões significativas: as interações entre crianças; as interações entre crianças e natureza; as interações entre pessoas adultas e crianças. No terreiro estudado, as andanças e as ventanias são profícias e intensas. As crianças interagem muito, entre si, em diferentes tempos-espacos, inclusive nos etários, acima da ideia de desenvolvimento. Percebemos, também, que as pessoas

adultas envolvidas com as crianças vivenciam um permanente criançar (NOGUERA; ALVES, 2020), numa temporalidade de idas e vindas espiralares, imersas nas compreensões de infâncias. Estes resultados impermanentes, inconclusos e baseados em ciências da afrodiáspora, nos impulsionam a continuar apostando em nossas pesquisas com crianças de terreiro, para abrir cruzeiros, para ventar mudanças e transformações no cotidiano das crianças negras, quilombolas e de terreiro deste país. Neste território de Oyá, ventaram aprendizes e aprendizagens, na gira-mapa dos possíveis rastros das infâncias.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. C. **Desde Dentro**: processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana. Porto Alegre, 2012. 306 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- ALVES, M. C.; MEDEIROS, R. C. T. AZEVEDO, G. G.; SANT'ANNA JÚNIOR, A. Gira-mapa com corpos-sujeitos-infantis de terreiro:pistas e encruzadas metodológicas. In: ALVES, M. C.; MEDEIROS, R.(Org.) **Culturas infantis de Terreiro**: agenciando memórias, histórias e narrativas. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022. Cap.12, p. 107 – 131.
- CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e Prática na Pesquisa com Crianças**: Diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez Editora, 2009. Cap. 1, p. 31 - 50.
- FERREIRA, M. **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos! As crianças como atores sociais e a (re)organização do grupo de pares no quotidiano de um jardim da Infância**. 2002. 736p. Tese de Doutorado - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória, **Letras**, Belo Horizonte, 2003, (26), 63- 81.
- NOGUERA, R.; ALVES, L. P. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17 n. 48, p. 533 - 554, 2020.
- OYEWÙMÍ, O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. [Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento]. In: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (Eds.). **The African Philosophy Reader**. Abingdon: Routledge, 2002.p. 391 - 415.
- PORTELLA, K. "Mama olomima olomimaaaaaoh olomimaaaaaieeo...": Matrizes Afroindígenas, saúde infantil e transmissão epigenética de traumas raciais". In: ALVES, M. C.; MEDEIROS, R. (Org.) **Culturas infantis de Terreiro**: agenciando memórias, histórias e narrativas. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022. Cap.17, p. 221 – 244.